

# 38 "Quando esquerda e direita se aliam algo está errado"

RAQUEL ULHOA  
Da Editoria de Política

Na segunda pesquisa de opinião pública realizada em Brasília pela LPM, divulgada na última quarta-feira, foi incluída a pergunta: "Qual o partido pelo qual você mais se antipaza?" O maior índice de antipatia foi do PC do B; o PDS ficou em segundo lugar; e o PCB em terceiro, com 14,2 por cento. O resultado não surpreendeu. A rejeição ao PDS dispensa explicações e quanto aos comunistas, estigmatizados pela direita durante anos, tiveram poucas chances de se defender, conservados na clandestinidade.

Hoje, eles ultrapassam a casa dos 30 mil filiados somente ao Partido Comunista Brasileiro, uma das duas siglas que empunham a bandeira do comunismo no Brasil e buscam, nestas eleições, recuperar a simpatia da população e o espaço perdido como força política. Um dos tabus a ser quebrados refere-se ao ateísmo, tido como um dos princípios defendidos pelo comunista. Quem fala sobre essa situação, em tom de confiança, é o presidente regional do "Partidão" e candidato ao Senado Federal, Carlos Alberto Torres.

"Jamais foi condição para entrar no nosso partido ser ateu. O que nós queremos é que a pessoa abrace a causa do progresso social, acredita que seja possível criar uma sociedade justa. Nesse sentido, o cristão pode aceitar, como a Igreja progressista aceita, a concepção do desenvolvimento histórico marxista, de que o motor da história é a luta de classes. Achamos que aquela afirmativa de Marx, de que a religião é o ópio do povo é uma afirmativa política e conjuntural, num momento em que a Igreja defendia os interesses da nobreza, da aristocracia. Hoje, ela vem mudando suas posições e fazendo sua escolha pelos pobres".

— Quer dizer que o governo comunista no Brasil conviveria bem com a Igreja?

Se esse governo for levado para a instabilidade nós não colocaremos no lugar de Sarney um presidente mais avançado. Será exatamente o retrocesso político, a volta à ditadura.

CA — Não só conviveria bem, como esperamos que os religiosos mais comprometidos com a luta social se sintam também bem dentro do nosso partido e cheguem ao governo como comunistas. Marx defendia uma explicação científica da história, que é a base materialista. E ciência não é uma questão de fé. O físico, quando entra num laboratório, não reza para que suas experiências deem certo.

— Vocês falam em luta social, em transição democrática e, em nome dela, apoiaram a eleição de Tancredo Neves. Apóiam, hoje, o governo Sarney?

CA — Não queremos derrubar o governo do presidente Sarney, apesar de não estarmos satisfeitos com o que fez até agora. Esse é um governo de compromissos entre as forças que sempre lutaram pela democracia e as forças egressas do regime militar. O próprio presidente é um exemplo: ele foi presidente do PDS. Esses compromissos amarraram as mãos desse governo, que só avança com a pressão das massas, dos trabalhadores.

Mas estamos convencidos de que, se esse governo for levado para a instabilidade, nós não colocaremos no lugar de Sarney um presidente mais avançado. Será exatamente o retrocesso político, a volta à ditadura. Para mudar é preciso manter a estabilidade do processo demo-

crático e pressionar para que tudo mude.

— Esse é o discurso do PCB e nós temos mais 30 partidos registrados no Brasil, cada um buscando um discurso que atinja um maior número de eleitores. Só em Brasília, 21 partidos disputam as eleições. Como é que o PCB pretende fazer valer o seu?

CA — Uma coisa interessante está acontecendo nesta campanha, eleitoral. O PDS colocou como centro-tático de sua campanha a oposição feroz ao governo José Aparecido e ao governo Sarney. O PT colocou como centro fundamental de sua campanha a oposição contra os dois. Então, evidentemente, o eleitor que não consegue diferenciar a companheira de luta Arlete (PT), de um reacionário qualquer do PDS, fica, no mínimo, perplexo, porque vê dois partidos que têm objetivos totalmente diferenciados defendendo o mesmo objetivo.

O PC do B foi criado por aqueles que ainda rezam nos versículos do stalinismo. Para eles, só existe socialismo na Albânia. Nós, do PCB, queremos um socialismo brasileiro.

Então alguma coisa está errada. Quando a esquerda e a direita defendem a mesma coisa, algo está errado. Por isso, temos dito claramente: nós estamos interessados na estabilidade do processo político. O PCB está sendo um dos mais consequentes defensores desse processo de desenvolvimento político e temos tido uma grata surpresa nesta campanha.

— O PCB espera eleger 10 parlamentares para o Congresso Constituinte. O que essa bancada vai defender?

CA — Primeiro, o estabelecimento de um estado de direito democrático. Achamos que a eleição de Tancredo Neves não estabeleceu democracia no Brasil. Ainda temos a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Greve, a Lei de Imprensa, enfim, o mesmo arcaúdo legal do regime militar. E a própria Constituição ainda é a mesma outorgada via uma emenda constitucional, em 69, por três ministros militares, que substituíram a Nação.

— Em vista das forças políticas que disputam e eleição e do capital investido por grupos para elegerem defensores de seus interesses, acha que a Assembléa Constituinte poderá ser avançada?

CA — Achamos que sim. Hoje, temos 3 deputados federais e esta bancada vai aumentar para 10. O PT tem seis e este número aumentará. A bancada do PDT também vai crescer e os democratas do PMDB serão reeleitos. Apesar do Congresso ser hegemonizado pelo poder econômico, será marcadamente a expressão dos anseios democráticos do povo brasileiro.

— Falar em comunismo, não é falar unicamente em PCB. Há o Partido Comunista Brasileiro (PC do B) e a população não percebe bem as divergências entre ambos.

CA — O PC do B acha que só existe socialismo na Albânia. Nós achamos que na Albânia existe o socialismo albanês; na União Soviética existe o socialismo soviético; em Cuba o cubano, etc. Respeitamos a história e a cultura próprias de cada nação e queremos que o socialismo no Brasil seja o socialismo brasileiro, com esse amálgama que é o povo brasileiro, inclusive com sua religiosidade.

Além disso, o PC do B é uma dissidência que houve em 62 e veio no rescaldo do processo de desestalinização do Partido Comunista, que surgiu em 22 com o nome de PC do B, mas em 62, mudou seu estatuto e nome para PCB. O PC do B foi criado por aqueles que não se libertaram do formalismo e doutrinário; os que ainda rezam nos versículos da bíblia stalinista.

— Mas os dois são antipatizados pela população, segundo a pesquisa da LPM. A sua mensagem não tem chegado ao eleitor?

CA — Atribuimos isto ao longo período de clandestinidade que nos foi imposto. Ficamos 39 anos ((de 45 a 85) para podermos disputar uma eleição. O povo brasileiro, ou qualquer cidadão individualmente, raramente pode conhecer pessoalmente e conviver com um comunista. E raramente pode ver a verdadeira face nossa e ouvir sobre comunismo pela boca e voz dos comunistas.

Existem várias opiniões correntes, extremamente desfavoráveis, que surgiram da propaganda anticomunista. Toda vez que se ouvia falar do PCB e dos comunistas, se ouvia pela voz de pessoas que nos perseguiam, nos prendiam e até nos matavam. Os que nos combatiam sempre puderam falar sobre nós e nunca, ou raramente, nós pudemos falar sobre nossas verdadeiras propostas. Sempre fomos bodes expiatórios.